

A Máscara Obscura do Ódio Racial: Preconceito, Segregação e Violência nas Redes Sociais¹

Renata Nascimento da Silva²

Ana Paula Bragaglia³

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

Resumo:

O presente artigo é parte de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação Mídia e Cotidiano sobre a cultura do ódio presente nas redes sociais contra os coletivos de minoria negra e suas implicações na autoimagem do sujeito. Nesse sentido, utilizamos a definição de preconceito pertinente à psicologia social e a definição de minoria, conforme Muniz Sodré. Analisamos, a partir de uma revisão bibliográfica, os discursos de ódio reverberados nas redes sociais, especificamente, no Facebook, através da fanpage: “Negros contra o movimento negro - 2”. Enquanto aportes metodológicos usamos pesquisa bibliográfica e a netnografia para compreender as narrativas produzidas na fanpage selecionada.

Palavras-chave:

Estereótipo; Minoria; Preconceito; Facebook, Violência nas Redes Sociais;

Introdução

O presente artigo se propõe analisar as causas do preconceito sobre os coletivos de minoria e suas representações nas redes sociais. O preconceito é uma categoria da esfera do cotidiano referente às atitudes ou comportamentos negativos direcionados a indivíduos ou grupos, baseado num julgamento prévio, convertido em sentimentos negativos. Na concepção de Bernardo Jablonski, o preconceito “tão velho quanto a humanidade, e, por isso de difícil

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Mídia e Cotidiano – PPGMC, da Universidade Federal Fluminense, bolsista da Capes, pesquisadora vinculado ao LaPA, - Laboratório de Pesquisas Aplicadas do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano e-mail: renascsilva1@gmail.com

³ Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense – UFF. Doutora em Psicologia Social e Mestre em Comunicação pela UERJ. Graduada em Comunicação Social – Publicidade pela UFPR, E-mail: apbragaglia@yahoo.com.br

erradicação” (JABLONSKI, 2010, p. 135), abrangeria os termos racismo, sexismo ou segregacionismo.

Para Jablonski, na base do preconceito se encontra o estereótipo. Segundo o referido autor, os estereótipos podem ser positivos, neutros ou negativos. O termo refere-se à atribuição de certas características a pessoas ou grupos. Por meio de uma representação mental tendemos a enfatizar o que há de similar entre eles, sem nos atentarmos para as diferenças individuais. Para os psicólogos sociais contemporâneos o estereótipo “agiliza” as nossas reações frente ao mundo e, na maioria das vezes, implica em generalizações incorretas e indevidas, principalmente, quando não conseguimos enxergar os indivíduos em suas diferenças e traços pessoais. O estereótipo, por sua vez, descreve o processo de simplificação e redução de complexidade do real, direcionando a atenção para determinadas classes de informações e eliminando outras, além de generalizar as classes selecionadas de informações a um determinado grupo social ou a uma determinada situação.

Marcos Emanuel Pereira (2011, p. 87) observa que “os estereótipos constituem um tipo particular de crença: aquela compartilhada por um grande número de pessoas e que possui um número bastante grande de alvos em potencial”. O estereótipo como crença compartilhada tem por referência padrões de condutas ou atributos comuns aos grupos sociais. As crenças disseminadas culturalmente constroem o nosso imaginário e nos ocorrem tão logo nos deparamos com certas pessoas, grupos, em dadas circunstâncias sociais que, em alguns casos, vão ativar o nosso preconceito.

Dentre as possíveis causas do preconceito, a psicologia social aponta as competições e os conflitos econômicos, fatores de personalidade, a questão do “bode expiatório” e fatores sociais, como a aprendizagem, a categorização e a conformidade. Tendo em vista as quatro categorias podemos tentar compreender de que forma o discurso do ódio se constrói em nosso conjunto social, sua ressonância nas redes sociais, particularmente, no Facebook, e como essa retórica afeta os coletivos negros.

Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015³, metade da população utiliza a internet e 92% dos seus usuários estão conectados a redes sociais. Sendo as mais utilizadas o Facebook (83%), o WhatsApp (58%) e o YouTube (17%). As redes sociais funcionam como canal de interação, distribuição e circulação de informações que estão atrelados as práticas cotidianas. Nessa análise, nossa maior contribuição será reforçar a importância das mídias digitais e, ao mesmo tempo, que possibilitam a livre manifestação

de ideias e opiniões, a transgressão de normas e leis gerando uma ideia de impunidade civil. Portanto, reforçar a importância do estudo das mídias virtuais sobre a sociedade contemporânea e refletir acerca das práticas sociais dos sujeitos dentro da ambiência virtual.

Para fins elucidativos, o artigo foi dividido em três partes. A primeira parte se dedica a trazer à tona, através de reflexões psicológicas, as causas do preconceito contra o coletivo de minoria negra. A segunda parte, de forma complementar à primeira, a maneira como essas causas podem contribuir para desencadear o discurso do ódio nas redes sociais, através de comunidades construídas com o objetivo primordial de se posicionar contra ações afirmativas do movimento negro. A terceira parte, de maneira sucinta, apresenta uma análise das publicações da fanpage “Negros Contra o Movimento Negro - 2”, - escolhida segundo as conexões necessárias para a análise da narrativa aqui proposta – e a consequência deste discurso na autoimagem do sujeito negro. Na realização dos objetivos propostos foi utilizado como aporte metodológico uma pesquisa bibliográfica, a fim de elencar os fatores desencadeadores do discurso do ódio contra o coletivo de minoria negra, e o impacto deste discurso na autoimagem do sujeito e a netnografia dividida em duas partes: a primeira de mapeamento e coleta de material e, posteriormente, montagem dos quadros de análise e interpretação dos dados, que aqui são apresentados em síntese, por meio de algumas postagens na rede social.

Minoria e o Preconceito

Minorias são grupos sociais – negros, homossexuais, mulheres, povos indígenas, ambientalistas, antineoliberalistas - que lutam contra a imposição dos valores hegemônicos dentro da sociedade civil (SODRÉ, 2013). Na medida em que “o que move uma minoria é o impulso de transformação” (Idem, p.12), podemos dizer que os grupos de minoria visam a transformar os fluxos sociais estabelecidos. O desejo de transformação destes coletivos implica a garantia dos direitos humanos, a liberdade de expressão dos seus valores sociais e culturais, o respeito às diferenças identitárias e a participação de seus membros nas instâncias decisórias de poder. O conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma participação desses grupos nas instâncias decisórias do poder. Seguindo esse raciocínio, as

minorias são coletivos que visam à obtenção de voz ativa e intervenção nas instâncias decisórias do poder.

Partindo desta perspectiva, pode-se começar a compreender a primeira causa do preconceito, conforme a psicologia social: a questão da competição e dos conflitos políticos e econômicos. Decorrente de conflitos ligados à conquista de status social, poder político e recursos materiais, a competição é um poderoso fermento para o surgimento de conflitos sociais e para a formação de estereótipos negativos acerca do “competidor”, unindo os grupos em torno do ataque ao inimigo.

Por meio dessas tentativas de depreciação do grupo adversário, o discurso do ódio – racismo, incitação ao ódio, discriminação sexual – se organiza como dispositivo de contenção ao fluxo de mudança almejado pelas minorias. A produção desta retórica tem por objetivo deslegitimar as ações sociais e impedir o aparecimento de “novas vozes” passíveis de conflagrar disputas ideológicas. Competição e conflito podem gerar as mais diversas formas violentas de ações, a fim de que os grupos dominantes assegurem seus poderes. É desta forma que os conflitos violentos decorrentes da guerra de posição (COUTINHO, 1999) atravessam o cotidiano e alcançam as esferas da política e da economia.

O discurso do ódio tem florescido à sombra da crise econômica dos países. Quando uma economia atravessa um período de crise, torna-se difícil para o cidadão comum brigar contra o abstrato sistema econômico. O sujeito pode deslocar sua raiva para os grupos minoritários uma vez que esses, mais facilmente detectáveis e socialmente mais desprotegidos de poder, já trazem no imaginário social⁴, o estigma da “desordem”, do “caos” e da “violência”. Essa transferência de sentimentos de raiva ou de inadequação para grupos ou indivíduos, relativamente sem poder de defesa, pelos quais de antemão nutrimos sentimentos negativos, refere-se ao fator do “bode expiatório”. Em resumo, a teoria do “bode expiatório” prega que os sujeitos quando insatisfeitos tendem a transferir o sentimento de insatisfação aos coletivos ou atores sociais que demonstrem mais fraqueza.

⁴ “O imaginário social está composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetiva de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Sendo uma produção coletiva é o depósito da memória que os indivíduos e os grupos recolhem de seus contatos com o cotidiano, bem como as percepções de si mesmos e dos outros” (MORAES, 2009, p. 86).

Segundo Adorno e seus colaboradores (2010), as atitudes intolerantes seriam consequências próprias de uma personalidade autoritária⁵. As pessoas autoritárias submetidas a métodos rígidos de educação e disciplina se tornariam menos intolerante e com grande dose de dificuldade para lidar com situação adversas. Este tipo de formação resultaria em adultos etnocentristas: “isto é, que acreditam na superioridade do grupo étnico ou cultural a que pertencem, com o correspondente desprezo por membros de outros grupos” (JABLONSKI, 2010, p. 156)

Casos assim fazem com que as culturas dos grupos dominantes sejam exaltadas e valorizadas constantemente e os valores dos grupos minoritários sejam perseguidos como se representassem inimigos. É neste sentido que Jablonski ensina que “o ódio reprimido, inconsciente, mais tarde a floraria, só que dirigido a grupos minoritários e desprotegidos” (JABLONSKI, 2010, p. 156).

Prosseguindo na discussão do preconceito na esfera do cotidiano, as normas sociais, aprendidas e repassadas através de diversos canais – família, escola, crença religiosa, arte, mídia - podem enfatizar preconceitos e estereótipos negativos de determinado grupo.

(...) preconceitos persistem em um dado momento em uma cultura. Basta que seja uma sociedade que acredite em certos tipos de estereótipos depreciativos ou veja como normal o trato diferenciado a determinado grupos étnicos, regionais, ou, ainda, a mulheres ou a praticantes de uma religião (JABLONSKI, 2010, p. 158)

Na categoria das causas sociais do preconceito, os meios de comunicação desempenham papel fundamental na perpetuação de estereótipos e preconceitos. A partir de estratégias discursivas, a influência dos meios de comunicação propaga o discurso intolerante o que se torna, em alguns casos, um consenso estabelecido entre os cidadãos. Tais estratégias vêm a ser aquilo que Ivana Bentes chamou “ódiojornalismo” - oratória dos articulistas e colunistas de grupos ultraconservadores, cujo objetivo é espalhar medo, insegurança e ressentimento. Esses discursos propagados, difundidos pelos meios de comunicação, ajudam a disseminar o ódio entre os grupos sociais como aponta Ivana Bentes na citação abaixo:

Essa demonização da política tornada cultura do ódio se expressa por clichês e por uma retórica de anúncio de uma catástrofe iminente a cada

⁵ “Denominaram de personalidade autoritária o conjunto de traços adquiridos que tornariam uma pessoa mais rígida em suas opiniões, intolerantes para com quaisquer demonstrações de fraqueza, em si ou nos outros, pronta a adotar valores convencionais, desconfiança, propensa a adotar ou pregar medidas de caráter punitivo e a dedicar respeitosa submissão a figura de autoridade de seu próprio grupo, e clara rejeição aos que não pertencem ao seu ciclo restrito de relações.” (JABLONSKI, BERNADO, 2010, p. 156)

semana nas colunas dos jornais e que retroalimentam, com medo, insegurança, ressentimento, uma subjetividade francamente conservadora de leitores e telespectadores. Se lermos os comentários das notícias e colunas nos jornais (repercutidos também nas redes sociais), vamos nos deparar com um altíssimo grau de discursos demonizantes, raivosos e de intolerância, à direita e agora também à esquerda. Trata-se de uma redução do pensamento aos clichês, memes e fascismo, extremamente empobrecedora, mas incrivelmente eficaz (BENTES, 2014⁶)

Se pensarmos no ódio como um sentimento intrínseco ao homem, o ódio transcende as barreiras psíquicas e sociais impostas pelo meio. É neste momento que as redes sociais surgem como territórios livres à manifestação de sentimentos, ideias, ideologias e opiniões hostis. Por conta dos mecanismos de privacidade e do anonimato, os usuários se sentem “protegidos” de qualquer tipo de controle social. Os atores sociais, alinhados em tribos (MAFFESOLI, 1998), vão buscar “lugares” como forma de identificação social e compartilhamento de emoção.

Redes Sociais e o Discurso do Ódio

As redes sociais surgem, assim, como espaços livres e plurais que permitem a manifestação de sentimentos, ideologias e opiniões. Por conta dos mecanismos de privacidade e do anonimato, os usuários acabam se sentindo livres para manifestar suas opiniões resguardados de qualquer controle. As comunidades virtuais, decorrentes das novas tecnologias, tornaram-se espaço comunicacional dos discursos do homem contemporâneo. Segundo Recuero (2013), as redes sociais modificaram o comportamento dos sujeitos:

[...] as redes sociais tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem essas redes, mas influenciam sua construção e com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos (RECUERO; SOARES, 2013).

Para Recuero, os discursos construídos dentro das redes sociais têm efeito sobre os sujeitos e seus comportamentos, os quais reverberam na construção ou na afirmação de sua

⁶ Entrevista concedida pela professora e pesquisadora Ivana Bentes ao site IHU On-Line. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/537080-eleicoes-2014-a-narrativa-ultrapassou-a-racionalidade-entrevista-especial-com-ivana-bentes>. Acesso em: jun.2016

identidade e na reprodução das agressividades online. A não identificação nominal dos sujeitos facilita os ataques violentos, a hostilidade e a reprodução da agressividade *online*.

A retórica do ódio se utiliza do anonimato da Internet e, por vezes, na ideia da liberdade de expressão, e da garantia constitucional assegurada pelo artigo 5º, inciso IX da Constituição Federal, que possibilita a comunicação e manifestação de pensamento independente de censura. Em contrapartida, incitar publicamente a prática de crime, é tipificação prevista no artigo 286 do Código Penal. Ou seja, a incitação já está classificada como crime - no caso brasileiro, contra a paz pública. Há, ainda, na Lei nº 7.716, de 05 de janeiro de 1989, a definição de crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. A conduta prevista no art. 20, da citada lei, criminaliza a incitação à discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional, e cria uma qualificação para os crimes cometidos por intermédios de meios de comunicação de qualquer natureza, incluindo-se, aqui, as redes sociais e toda a internet.

Segundo Castells (1999), as redes sociais conectam e desconectam indivíduos e grupos, conforme interesses e decisões estratégicas. Em razão de sua diversidade, o sistema é capaz de abarcar múltiplas formas de expressão, bem como a variedade de interesses, valores e conflitos. No Facebook essa conexão ocorre a partir de “grupos privados” ou fanpages que se expressar através de publicações, compartilhamento de fotos e comentários.

Fanpage: “Negros Contra o Movimento Negro - 2.”

A partir deste contexto de compartilhamento de ideias e pensamentos, dentro do espaço das redes sociais, que verificamos a utilização, por alguns grupos, da linguagem violenta na propagação do discurso de ódio. No Facebook essas ações ocorrem por meio de divulgação de conteúdo difamatório, comentários agressivos, compartilhamento de memes que incitam a violência e promovem a naturalização das diferenças sociais e raciais como podemos averiguar em “Negros contra o Movimento Negro – 2”. Conforme citado na introdução, neste artigo analisamos a página “Negros Contra o Movimento Negro - 2” (figura1), a qual se intitula como causa social e busca deslegitimar as ações dos movimentos sociais negros.

Figura 1 - Página inicial da página “Negros Contra o Movimento Negro -2”



Fonte: Print da Autora

A página, que possui mais de 12.531 curtidas, as publicações são diárias, constituídas de textos e imagens captados em outras páginas da rede Facebook. De conteúdo sarcástico, fazem uso de certas situações sociais para desvalorizar o movimento e o comportamento dos negros na sociedade. O autor ou autores da página não se identificam. Na análise das postagens, realizada por meio de netnografia como supracitado, verificamos o discurso do ódio racial, a construção de estereótipo negativo ao sujeito negro, e desqualificando as ações afirmativas como as cotas, como é possível observar em alguns nos exemplos das figuras 2, 3, 4 e 5 a seguir⁷.

Figura 2 – Postagem sobre Cotas



Fonte: Print da Autora

Os relatos demonstram elementos de preconceitos enraizados na cultura do sujeito. Observando a primeira figura (fig.2), constatamos que o usuário de forma acrítica legitima

⁷ Os exemplos coletados foram extraídos aleatoriamente da fanpage “Negros contra o Movimento Negro - 2”, segundo as conexões necessárias para a análise narrativa. Todas as identificações (nomes e fotografias) foram retiradas de forma a preservar a identidade dos usuários responsáveis pelas postagens coletadas

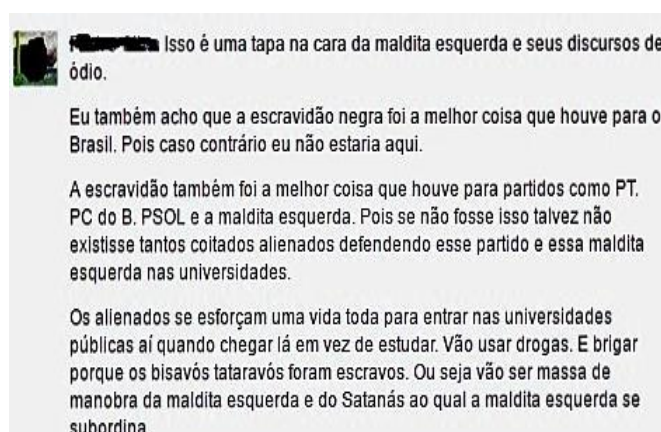
o discurso que associa às cotas a ideia de incapacidade. O discurso neste post desenvolve a atribuição de características negativas para indivíduos ou grupos sociais que fazem uso das cotas sociais. A partir desse discurso, os sujeitos vão construindo estereótipos negativos e corroborando a crença de que as políticas públicas de cota estão associadas à incapacidade do indivíduo. Vemos que esse tipo de postagem legitima e dissemina o preconceito em torno das cotas sociais

Figura 3 – Postagem sobre a escravidão



Fonte: Print da Autora

Figura 4 - Comentário sobre postagem a postagem da fig. 3.



Fonte: Print da Autora

Na terceira figura (fig.3), verificamos o uso de imagem e de texto. Neste post percebemos a imposição ideológica, a desvalorização de culturas e a rejeição de

perspectivas diferentes. Observa-se, através das seguintes frases: “A escravidão foi a melhor coisa que poderia acontecer com nós negros!”, “Eles não adoravam Jesus na África...”, “Aleluia Deus está sempre certo”, que o usuário acredita na superioridade dos valores de seu grupo ou da sua cultura, com o correspondente desprezo pelas outras culturas. No caso da quarta figura (fig.4), o comentário faz referência direta a figura 2, ratificando o discurso da postagem anterior e atribuindo o “discurso de ódio” à esquerda.

Figura 5- Post sobre a candidatura da deputada Maria do Rosário à Presidência da Câmara



Fonte: Print da Autora

Na última ilustração (fig. 5), observamos a construção de uma postagem com o intuito de reforçar o preconceito e o racismo. O autor da página utilização a imagem de homens armados com a camisa da seleção brasileira de futebol para salientar o estereótipo negativo do homem negro e um enunciando sarcástico “ A Bandidagem está na Torcida! ”, para demonstrar que a candidatura da deputada Maria do Rosário teria a torcida de bandidos. Observa-se, portanto, não apenas uma construção de sentido no discurso de estigmatiza o negro como bandido, mas, também, a desvalorização dos personagens políticos e da identidade nacional.

Verificamos, portanto, que os conflitos ligados ao poder político são poderosos dispositivos desencadeadores de discriminação e preconceito e que o discurso de ódio se oculta sob justificativa, motivos, pretextos, falso brilhantismo teórico ou sentimentos prontos a fim de encobrir o preconceito contra os negros. Os quatro casos acima observados podem evidenciar as redes sociais como campo de conflitos políticos, sociais e culturais. As disputas ambientadas no Facebook representam uma luta simbólica entre grupos que buscam reforçar definições sociais, naturalizar os sistemas de conservação da ordem, manter o controle social, o consenso comum e o poder. Neste cenário, a discussão acerca do ódio que se expressa nos ambientes comunicacionais mostra-se bastante conveniente, à medida em que a linguagem violência é capaz de deteriorar a autoestima do sujeito, além de gerar um perverso e difuso sentimento de inferioridade e ocasionar uma situação de desamparo e sofrimento.

Considerações finais

Diante desses dados e reflexões, percebe-se que o ambiente virtual, embora plural e livre, permite a consolidação do preconceito. Se pensarmos que o sujeito negro já se depara em seu cotidiano com os mais diversos dispositivos sociais a reforçarem seu estereótipo negativo, concluímos, que as redes sociais acabam atuando como mantenedoras desta cultura do ódio, que por vezes, é influenciada por normas sociais e manifestação de interesses grupais. Como aponta Costa, ser negro é ser violentado continuamente de forma constante e cruel:

o sujeito violentado é o que sabe ou virá, a saber, sente ou virá a sentir que foi submetido a uma coerção e a uma dor absolutamente desnecessárias ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico” (COSTA, 1984, apud VILHENA, 2006, p. 77).

Em função da influência das mídias e da capacidade, por vezes, de reforçar imaginários sociais, sentimos a necessidade de olharmos a relação do usuário com os meios de comunicação, principalmente, com as redes sociais e o impacto dos discursos ali proferidos, tendo em vista, que esses usuários atuam de forma a moldar as estruturas sociais através das interações com seus pares. É importante observarmos como os discursos intolerantes proferidos contra os grupos minoritários estão sendo tratados no espaço virtual. Outra questão a ser observada, é que quanto mais visível um discurso nas redes sociais, mais adeptos ele pode angariar. E uma vez propagado, através de comentários, curtidas e

compartilhamentos, ele se torna mais passível de legitimação por outros, e consequentemente mais aceito, até que ganhe a categoria de “verdadeiro”.

Se pensarmos na perspectiva do discurso do ódio racial contra a minoria negra, notamos mais uma vez a importância deste estudo, na tentativa de apresentar o impacto destas narrativas na identidade do sujeito. Segundo Sodré (ano), os grupos ditos minoritários apresentam uma identidade social, *in statu nascendi*, isto é, uma identidade em formação, que se alimenta da força e do ânimo de suas conquistas dentro do espaço social e do aumento de sua representatividade. Quando a identidade do sujeito é destruída através da depreciação de sua imagem e cultura, há o risco de o sujeito naturalizar os discursos recebidos pelas diversas instâncias e se enxergar como um ser inferior. Conforme Jablonski:

(...) uma pessoa com a autoestima abalada pode se convencer de que não merece uma educação de bom nível, trabalhos decentes, moradias idem, além de um perverso e difuso sentimento de inferioridade, que, se acompanhado por sentimento de culpa, pode levá-la a uma situação de desamparo e sofrimento (JABONSKI, 2013, p. 145)

Portanto, se considerarmos que a identidade de um ser é formada a partir de sua interação com o espaço que habita e de sua relação com outros indivíduos, observamos que os grupos de minoria como os negros sofrem constantes intervenções sociais na construção de sua identidade social. Daí que a noção contemporânea de “minorias” implica sua luta para alcançar o poder da fala (SODRÉ, 2010 apud PAIVA e BARBALHO, 2005, p. 12)

REFERÊNCIAS

- BATISTA, L. L.; LEITE, F. (orgs.). **O negro nos espaços publicitários brasileiros: perspectivas contemporâneas em diálogo** / e. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes/USP: Coordenadoria dos Assuntos da População Negra, 2011. 248 p.: il.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo Parasitário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BENJAMIN, W. **Escritos Sobre Mito e Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Difel, 1989.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- COUTINHO, C. N., Gramsci: **Um estudo sobre o pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

- DE VILHENA, J. **A Violência da Cor: sobre racismo, alteridade e intolerância**. Revista Psicologia Política, v.6, n. 12, pp 391-413, 2007 Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~psicopol/seer/ojs/viewarticle.php?id=7>. Acesso em: 15. Jul. 2016
- DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das Ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GLUCKSMANN, A. **O Discurso do ódio**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- JABLONSKI, Bernardo (et. All). **Psicologia Social**. 28 eds. Petrópolis: Vozes 2010.
- KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. Rio de Janeiro, Penso, 2014.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo Retorna – Formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitari, 2012.
- PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e Cultura das Minorias**. Rio de Janeiro: Paulus, 2005.
- PRIMO, Alex. **Comunicação Mediada por Computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.
- RECUERO, R.; SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso dafanpage “Diva Depressão”**. Revista Galaxia, São Paulo, n. 26, p. 239-254, dez. 2013.
- RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- ZIZEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2008.